

PEROBELLI, Mariene Hundertmarck. Desafios na formação do artista-docente contemporâneo. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia; Professora Assistente; CAPES; Bolsa PIBID. Atriz.

RESUMO

O presente trabalho aborda os desafios da formação do artista-docente contemporâneo. Experiências de uma artista-docente do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Uberlândia diante dos desafios encontrados pelos estudantes de Teatro nas práticas artístico-pedagógicas em espaços escolares. Relatos da realidade encontrada, dificuldades e conquistas dos processos vividos. Como estabelecer parcerias entre a Universidade e as escolas na formação de artistas-docentes? Neste momento surge a implementação do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID – no curso de Teatro. Serão abordadas aqui as possibilidades que o programa traz de fortalecimento e aproximação dos estudantes de Teatro com relação à escola de forma propositiva, criativa, reflexiva e artística.

Palavras-chave: Teatro. Educação. Formação Docente.

ABSTRACT

This work discusses the challenges of the formation of the contemporary artist-teacher. Experiences of an artist-teacher member of the degree course in Theatre from the Federal University of Uberlândia in front of challenges encountered by students of Theatre in artistic-pedagogical practices in school spaces. Reports of reality found, difficulties and achievements of the processes experienced. How to establish partnerships between universities and schools in the training of artists-teachers? Now comes the implementation of the programme of institutional scholarship introduction to Teaching – PIBID – in the course of the theatre. Are discussed here the possibilities the program brings students approach and strengthening of Theater with respect to school so purposeful, creative, reflective and artistic.

Keywords: Theatre. Education. Teacher Training.

A primeira parte deste artigo levanta questões acerca das relações entre Teatro e Educação a partir de experiências vividas pela artista-docente com estudantes de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Uberlândia. Tais questões emergem dos vividos em estágios curriculares, estudos em sala de aula e grupo de pesquisa na área da Pedagogia do Teatro. Os referenciais teóricos que sustentam e provocam esta escrita pouco se apresentam como citações diretas, mas aparecem ao fim do texto, como referencial bibliográfico. Esta escrita é uma tentativa de escrita autoral fenomenológica que busca interrogar com precisão, seguindo a ação *husserliana* de “voltar às coisas mesmas”, sendo, portanto, em momento algum conclusiva. Na segunda parte do texto, inicia-se uma descrição da implementação do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) neste curso e universidade, como

possibilidade de seguir questionando, refletindo e reinventando o espaço/ação do Teatro na escola e a formação do artista-docente contemporâneo.

E se os processos artístico-pedagógicos partissem de uma questão? E se a questão não precisasse ser respondida? E se cada questão em si provocasse o surgimento de outras questões? E se as questões se conectassem criando infinitas redes de contaminações? E se o educador não quisesse ensinar, mas provocar contaminações? E se as contaminações gerassem combinações de conhecimentos apreendidos? E se este texto fosse uma rede de questões?

Por um imenso desejo de compreender a situação-problema: Como formar artistas-docentes no século XXI? Esta pergunta pode gerar infinitas combinações questionadoras. Por que o termo “artistas-docentes” vem no plural? Por que este termo e não outro? Formar?

Das questões, vamos às pontuações. Refletir sobre a formação de artistas-docentes hoje, é perceber cada ser como único, improvável, incerto, inesperado, irrepitível e inacabado. Sobre tais elementos, muitos filósofos e pedagogos já refletiram e elaboraram propostas, tais como Paulo Freire, Hannah Arendt, Edgar Morin, entre outros. Mas como vivê-los em sala de aula, em processos de criação e formação? Para isso eu, docente de um curso de Licenciatura em Teatro, que se propõe a formar professores de Teatro que poderão transformar as práticas de ensino na escola, preciso repensar minhas próprias práticas. Seria preciso perceber as singularidades de cada estudante de Teatro e sua relação com a arte e o mundo. Como trabalhar as metodologias de ensino do teatro na formação docente? Como dar espaço para que cada estudante crie suas relações com as metodologias? Como relacionar teoria e prática; processos de criação, metodológicos e pedagógicos de forma entrelaçada? Por que alguns estudantes de Teatro, quando chegam às Práticas de Ensino, depois de já terem percorrido dois anos de curso, não conseguem conectar seus processos vividos com a prática de estágio docente? Será que a dificuldade de encontrar objetivos para um plano de ensino está relacionada à dificuldade de encontrar seus próprios objetivos em sua jornada universitária? Múltiplos e diversos são os artistas, os docentes e os teatros, mas a abordagem dos conteúdos na atual estrutura curricular não dá conta da diversidade. Como falar de inclusão, diversidade, diferença e alteridade nos cursos de licenciatura se não os conseguimos viver em nossas estruturas curriculares acadêmicas?

Questionar a formação do artista-docente é refletir sobre a essência das nossas relações. Por que não falar de professor(a) de teatro? As palavras estão repletas de informações que já não conseguimos distanciarmo-nos delas para permitir emergir suas essências. Seria preciso fazer um movimento de “retornar às coisas mesmas”, como recomenda Husserl; assumir a ação de desvelar as camadas de informações e conceitos que obscurecem as essências. O termo professor por muito tempo esteve ligado à relação de ensino e aprendizagem tradicional. Neste sentido, o professor é o detentor do conhecimento e o transmite ao aluno. Ao conectar o artista ao termo professor, ainda que não fosse a proposta, estaríamos conectando-nos à ideia de

transmissão de informação, legado da educação bancária. Ao estabelecer a conexão entre artista e docente, por meio de uma ponte criada pelo hífen, estamos propondo uma relação de entrelaçamento das dimensões do artista e do docente em um mesmo Ser. Reversibilidade *merleau-pontyana* entre Ser-artista e Ser-docente.

Seguindo o fluxo de refletir acerca das palavras, desejamos realmente formar artistas-docentes? Formar, (in)formar, (em)formar, (re)formar. Nenhum destes prefixos dá conta daquilo que desejamos no espaço da pedagogia do teatro. Segundo o Novo Aurélio (1999), o verbo formar é: “1. *Dar a forma a.* 2. *Ter a forma de; assemelhar-se a.* 3. *Conceber, engendrar.* 4. *Constituir, compor.* 5. *Pôr em ordem, ou em linha.* 6. *Instruir, educar, aperfeiçoar.* 7. *Fabricar, fazer.* (...)”. Quando trabalho no campo da educação e da arte, não tenho o desejo de dar forma, buscar semelhanças, menos ainda dispor em ordem ou em linha, aperfeiçoar ou fabricar. Não seria a diferença, o caos, a invenção o lugar do Teatro na Educação? Portanto, desejo realmente FORMAR artistas-docentes? Qual a forma? A mesma que me formou? O problema é encontrar outro verbo para construir esta questão. Talvez esteja mais próximo de: Como (in)ventar artistas docentes no século XXI? Reflito com Silva (2010) acerca das qualidades do verbo inventar e a imagem de “ventar para dentro” — (in)ventar. Talvez seja este o desafio do artista-docente... ventar, provocar tufões, furacões... trocar as coisas de lugar e re(in)ventá-las, criando novas combinações entre si...

Recordo-me neste momento de Maria, uma menina de seis anos de idade, que conheci na Universidade Federal de Santa Maria (RS), durante o II CEAC. Estávamos reunidos arte-educadores e pedagogos de diversas áreas e linguagens, discutindo sobre as práticas, pesquisas e metodologias de ensino da arte. Durante um intervalo, perguntamos à Maria, o que, para ela, era brincar. Palavras de Maria (2009): “Ah, brincar é pegar uma coisa divertida e criar e inventar com ela”. Fiquei em suspensão, encantada com o discernimento, sabedoria e frescor de Maria. Sigo desde então, provocada por Maria, me perguntando: por que motivo, apreender o mundo não é “pegar uma coisa divertida e criar e inventar com ela”?

PIBID: possibilidade de re(in)venção do artista-docente?

Com tais questões na bagagem, seguimos à experiência de implementação do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) no curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Uberlândia no ano de 2011. O subprojeto de Teatro compõe, com as demais licenciaturas desta universidade, um projeto institucional que se pretende interdisciplinar. O Teatro conta com uma professora coordenadora — professora do curso de graduação em Teatro —, um professor supervisor — professor da escola parceira —, e oito bolsistas, estudantes do curso de Teatro.

O programa é de extrema importância para o fortalecimento da licenciatura, da formação — (in)venção — de artistas-docentes e do professor de Teatro da Educação Básica. Na região do Triângulo Mineiro, este é o único curso de

Licenciatura em Teatro, e carecemos de profissionais especializados na rede pública de ensino.

É muito comum os estudantes de Teatro tecerem reclamações acerca das práticas de ensino nas escolas. Mas quando surge a possibilidade de participar do programa, impressionou-nos o interesse pela pesquisa docente. A seleção mobilizou o curso em todos os períodos. Enquanto outras licenciaturas tiveram dificuldade em preencher as vagas, o curso de Teatro teve o dobro de inscritos em relação às vagas ofertadas.

A metodologia de trabalho do grupo PIBID/TEATRO prevê estudos teórico-práticos, buscando, por meio de questões e processos de criações, realizar uma apreensão sensível acerca da Pedagogia do Teatro. Para isso, realizamos encontros semanais com a professora orientadora e professor supervisor. Assumo neste trecho a nomenclatura “professor(a)” de acordo com o programa institucional do PIBID. Porém, das primeiras leituras, reflexões e criações, surge no grupo o termo educ(atores). Esta uma tentativa de entrelaçamento entre as especificidades do ator/atriz e a prática docente, foco desta pesquisa. Entendemos por educ(atores) neste processo tanto coordenadora e supervisor, como bolsistas.

Semanalmente também os bolsistas têm encontros com o educ(ator) supervisor na Escola Municipal Josiany França, para estudos do Projeto Político Pedagógico, percepção e observação do espaço e tempo escolares, estudos de campo na comunidade, planejamento e avaliação.

Em grupos de dois ou três bolsistas, fazem semanalmente observações e acompanhamento das aulas do educ(ator) supervisor de primeiro a nono ano do Ensino Fundamental.

As observações e materiais coletados na escola voltam ao grupo de pesquisa, quando refletimos, estudamos e recriamos para então retornar ao espaço escolar.

Além dos espaços físicos do grupo de pesquisa e da escola que nos recebe, sentimos a necessidade de criar espaços virtuais para discussões e fóruns. Os bolsistas encontram-se no momento em fase de criação de grupo de fórum e *blog* do projeto. E por meio destes, estamos nos conectando com outros grupos de teatro em escolas públicas de outros estados brasileiros, tendo outros professores especialistas e estudantes como parceiros de trabalho. Temos o desejo de no segundo ano do projeto, fazer o mesmo com os estudantes do Ensino Fundamental, inserindo-os nestas trocas em rede no espaço virtual.

O primeiro ano de implementação do PIBID foca ações de observação do espaço escolar e da comunidade, além do grupo de estudos teórico-prático. Já no segundo ano do programa, os bolsistas são inseridos nesta escola e fazem propostas de ações artístico-pedagógicas neste espaço. A proposta é observar

e compreender o contexto escolar, refletir, estudar e criar, para então, a partir daí, propor intervenções.

Grande tem sido o desafio, enquanto educ(atriz) coordenadora do programa UFU/PIBID/TEATRO no que diz respeito à orientação dos bolsistas em formação — (in)venção — docente em teatro. O espaço do grupo de pesquisa em conexão direta com o espaço escolar tem sido um laboratório de estudos de procedimentos metodológicos que as aulas dos componentes curriculares muitas vezes não dão conta. No grupo temos espaço e liberdade para trabalhar no campo dos desejos e questões dos indivíduos envolvidos, buscando a apreensão de um saber sensível, um olhar estético para a educação, afinando a percepção dos educ(atores).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- BARBA, Eugênio. **Além das Ilhas Flutuantes**. Tradução: Luis Otávio Burnier. Campinas: Hucitec, 1991.
- BARTHES, Roland. **Aula**: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. Tradução e posfácio de Leyla Perrone-Moisés – São Paulo: Cultrix, 2007.
- _____. **O rumor da língua**. Brasília: Editora Brasiliense, 1988.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2006.
- DERRIDA, Jacques. **O olho da universidade**. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.
- DESGRANGES, Flávio. **A Pedagogia do Espectador**. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- _____. **Pedagogia do Teatro: Provocação e Dialogismo**. São Paulo: Hucitec, 2006.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- HERNANDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação**. Os projetos de trabalho. Porto Alegre, Artmed, 1998.
- HUSSERL, Edmund. **A crise da humanidade europeia e a filosofia**. Trad. Urbano Zilles. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.
- LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. Trad. Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. **O olho e o espírito**. Tradução: Paulo Neves e Maria E. Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Cosac e Naify, 2004.
- _____. **O visível e o invisível**. Tradução: José Artur Gianotti e Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2004.
- PEROBELLI, Mariene Hundertmarck. **O avesso do corpo: uma experiência de reversibilidade entre Teatro e Educação**. Dissertação de mestrado do

Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

REZENDE, A. M. **Concepção fenomenológica da educação**. São Paulo: Cortez, 1990.

SILVA, Renata Ferreira. **(In)vento**: performance e experiência. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

SOKOLOWSKI, Robert. **Introdução à fenomenologia**. Tradução: Alfredo de Oliveira Moraes. São Paulo: Edições Loyola, 2004.